

# Nunca mais seremos os mesmos depois da crise... se houver depois

(ou a sobrevivência ao alcance de todos)

## Dentes caninos

Com a boca, principalmente os lábios, e a mão trêmula, ela chamou o açougueiro e pediu um quilo de pelanca para cachorro.

Enquanto via o sebo ser embrulhado em papel de jornal, começou a tossir e a expelir latidos de cão pela goela. Na hora de pagar, recolheu moedas e notas de um cruzeiro em péssimo estado de conservação, como ela, vestida de trapos, cheirosa de cheiro de povo, de um saco de estopa fétido de segredos e esperança.

Antes de sair, a mendiga olhou a todos nós, e de suas pupilas saía um brilho de ódio.

Olival Mattos Pessanha

Um novo fenômeno vem sendo observado dentro da sociedade brasileira: a tentativa de sobrevivência econômico-financeira com um salário desvalorizado e infimo diante da inflação galopante.

Como prenúncios de uma Revolução Social em marcha, os sintomas da insatisfação popular diante do modelo econômico brasileiro determinam mudanças de hábitos de forma drástica, a nível de alimentos, roupas e costumes.

Nos açougues, a pelanca, outrora utilizada para alimento de cães, é adquirida pelas classes mais pobres, para seu próprio consumo. Ossos, com tutano e pedaços infimos de carne, antigamente doados pelos açougueiros, são, hoje, também ven-

Central no mercado de títulos e valores, o desespero alcançou aqueles que podiam poupar o excedente de seus gastos. A revolta e a descrença caracterizam, agora, a fragilidade do mundo dos negócios.

Em toda e qualquer enquete, três nomes surgem como responsáveis, na visão do povo, pela situação de penúria em que vive a população: Delfim, Langoni e Galvêas, sendo o primeiro a "pessoa non grata" mais odiada de toda a História Econômica Brasileira. Seu aparecimento na televisão provoca vaias ao vivo em inúmeros lares. A demissão ou saída do ministro do Planejamento será comemorada pelo povo como uma vitória nacional numa Copa do Mundo, com Carnaval nas ruas. E haverá mais esperanças, mesmo que nada mude e que as dívidas interna e externa continuem sem controle.

Um quadro típico da mudança comportamental do consumidor brasileiro é a veemência com que ele exige, briga e discute por falta de troço em ônibus, bares, super-

e costumes, poder aquisitivo e grau de desperdício de uma família. Em favelas, o jornal substitui o papel higiênico. Enquanto a classe média joga pães velhos fora, a pobre o reaproveita em sopas e papas.

Estudos recentes no Rio de Janeiro demonstraram a diminuição no volume de lixo arrecadado pelos caminhões de coleta. Economicamente, tal queda decorre do controle dos gastos e consumo do essencial, sem que haja sobra significativa para ser jogada fora. Surge, então, uma tecnologia caseira que retoma o caminho das antigas famílias que faziam alimentos mais naturais e mais gostosos, como aproveitamento de sobras. No entanto, somos a geração dos enlatados, do comprado-já-feito, do congelado, do pronta-entrega, que excluem a função caseira, com prejuízo da qualidade e do paladar.

A atitude dos empresários da área de cinemas, retirando os 50% de desconto para estudantes e criando horários específicos para sessões com ingresso único, é





gheiros, são, hoje, também vendidos.

Nos supermercados, houve um crescente aumento, nos últimos meses, de número de consumidores que mudam etiquetas de preços dos produtos. Pequenos furtos e uso de máquinas calculadoras portáteis para conferência dos valores somados pela caixa, também vêm ocorrendo. Há uma revolta popular contra os preços e a cada vez mais baixa qualidade das mercadorias. De cada quilo de carne, por exemplo, uma média de 200 gramas é desperdiçada pelas famílias abastadas. As sobras e os desperdícios dos ricos dariam para abastecer grande número de carentes.

Na realidade, está em marcha uma guerra entre os que vendem e os que compram. Ambos reclamam do Governo e da situação inflacionária. Os dois coexistem e se odeiam.

A casa própria, que se tornou um pesadelo para o brasileiro, com as prestações altas e fora de nossa realidade, está fomentando a tentativa desesperada do mutuário para sustar o último aumento de 130%. Por outro lado, muitos estão desistindo do imóvel, optando por um aluguel mais coadunante com o seu poder aquisitivo. Como o mercado imobiliário oferece poucas opções de compra imediata e segura dos imóveis dos conjuntos habitacionais, a tendência é atraso no pagamento das prestações, execução judicial, desespero e caos.

## Tecnologia da Escassez

A sobrevivência da família brasileira está alicerçada nas dificuldades crescentes para adquirir a alimentação básica, pagar em dia as prestações (casa, escola, água, luz, telefone, carnes, diversos, empréstimos...) viver com relativo conforto e confiar no futuro. Em termos de tensão, neuroses, agressão, isolamento, irritabilidade e indiferença para os dramas alheios, o brasileiro está pronto para questionar e pleitear mudanças no modelo econômico em voga.

Com a intervenção do Banco

para sessões com ingresso único, é reflexo de uma crise no setor, em decorrência de cortes nas mesadas que os pais davam aos filhos. Os cinemas, vazios, tentam, agora, motivar o adulto. Em Vitória, por exemplo, nos últimos anos, quatro cinemas foram fechados, alugados para lojas ou transformados e vendidos.

## Manual de sobrevivência

Observando o comportamento de mendigos, pedintes, menores abandonados e, mesmo, pessoas pobres, podemos descobrir de onde eles conseguem extrair, a cada dia, o seu sustento.

Lixões ou depósitos de lixo são locais de onde eles extraem objetos (papelão, sacos plásticos, ferro...) e alimentos, que podem ser vendidos e consumidos. Nos mercados e feiras, frutas e legumes, caídos ao chão ou nos monturos, são aproveitados.

Em seu livro **Quarto de Despejo**, a escritora (e ex-favelada), Carolina Maria de Jesus denuncia que as classes ricas são capazes de, diante de um pedinte, fornecer um embrulho contendo ratos mortos, sendo, ela própria, a personagem dessa tragédia social.

Pela sua filosofia da miséria podemos concluir que a solidariedade entre os pobres é mais autêntica que entre as classes abastadas. O recente episódio de socorro às vítimas das enchentes no Sul, levado a efeito pela televisão e campanhas dirigidas, gerou uma reação de pessoas carentes nos Estados e no Nordeste, reconhecendo que a solidariedade — necessária naquele momento — só teria um sentido cristão e socialmente moralizador se ampliada e continuada. Hoje, há movimentos em organização para campanhas nacionais de ajuda ao Nordeste e às coletividades carentes, ou seja, é viável que os que têm possam colaborar para amenizar o sofrimento dos que quase nada têm.

Na realidade, somos uma sociedade que desperdiça e joga fora alimentos, objetos, roupas e peças reaproveitáveis. O exame dos componíveis de um saco plástico de lixo é revelador dos hábitos

para sessões com ingresso único, é reflexo de uma crise no setor, em decorrência de cortes nas mesadas que os pais davam aos filhos. Os cinemas, vazios, tentam, agora, motivar o adulto. Em Vitória, por exemplo, nos últimos anos, quatro cinemas foram fechados, alugados para lojas ou transformados e vendidos.

O volume de protestos, negativas em Serviços de Proteção ao Crédito (SPC), execuções judiciais e advogados cobradores vem crescendo, decorrentes de desemprego, escassez de dinheiro e impossibilidade real de pagamento dos débitos. Em Cachoeiro de Itapemirim, o comércio local está evitando negativar no SPC os compradores que estão desempregados, reconhecendo que tal atitude possibilita ao consumidor inclusive, superar suas dificuldades.

A exemplo da ilogicidade de bancos e financeiras, que exigem que o cidadão prove primeiro que não precisa de dinheiro, consiga avalistas, dê como garantias tudo que tem, tenha saldo médio e outras providências, teremos, em breve, considerados como artigos de luxo a carne, as roupas, a escola, a gasolina e os bens duráveis. Comer e viver passaram a ser direitos restritos das classes abastadas.

Para os teóricos da fatalidade, que pregam o fim da humanidade, estaríamos, hoje, frente às características e prenúncios da hecatombe final: materialismo selvagem, decadência moral e religiosa, promiscuidade, vulgarização do sexo, anulação do amor como essência individual, ódio coletivo, tirania e opressão sobre o povo, fome, epidemias, tragédias, desequilíbrio ecológico, desespero, entre outros sintomas. E citam como exemplos os impérios romano, inca, nazista...

## Crise de valores

Realisticamente, estamos vivendo — e morrendo — uma fase de crise de valores. Educadas as últimas gerações sob a influência da religião e do casamento como extremos, cujo centro é o trabalho, podemos afirmar que a

fê tornou-se paliativa para socorrer o povo diante do caos e do desespero. O casamento, por seu turno, merece, hoje, total descrédito até mesmo como atitude racional, já que duas pessoas podem e devem viver juntas somente o tempo suficiente em que ambas estiverem felizes. O trabalho visto e criticado como instrumento da exploração capitalista, com a mais valia denunciada como roubo legalizado, tem sobre si o fantasma do desemprego a assustar milhares de famílias. Os empresários, pressionados por uma legislação que torna o Brasil o país que mais cobra taxas e impostos em todo o mundo, estão falindo ou buscando concordata.

Dentro do conflito, seu cerne e sua essência, o homem está perplexo, inquieto e revoltado. Todos os seus valores estão em crise. Ele não sabe se o Estado é responsável por ele ou seu inimigo. Diante de tantos conflitos, ele perde a sua individualidade como cidadão sem pátria, sem família, sem nome, sem profissão, sem amigos, sem esperança. Ele está só, diante da televisão, por exemplo, que insiste em mostrar a vida colorida e musicada. Essa cena, magistralmente recriada no filme **Taxi Driver**, merece do ator Roberto de Niro um pontapé em pleno aparelho de TV, fazendo-o implodir. Essa ruptura com a falsa realidade, torna o homem, pela primeira vez, consciente de seu papel, da manipulação de sua vida pelo sistema, e ele grita sua libertação. De escravo inconsciente da força de seu grito, ele passa a ser lúcido e pronto para defender a sua individualidade, o seu grupo...

Educado pelo poder para ser e ter dinheiro, mola propulsora de todos os regimes, o homem é vítima dele próprio quando educa gerações para o acúmulo de riquezas, saque de valores, exploração comercial de sentimentos, emoções e tudo o mais. Materializado e materialista, ele não pode ser feliz através

do amor, do casamento, do capital, do poder, do luxo, das festas, dos negócios, das viagens, do lazer, da cultura, das artes, dos esportes, etc., uma vez que todos eles estão relacionados com dinheiro, cuja essência é o interesse em roubar do próximo e em proveito próprio.

## A morte da esperança

E.P., solteira, 24 anos, dactilógrafa, perguntada sobre o que quer ou espera da vida, respondeu que sonha em viajar, ganhar muito dinheiro e casar. Seu universo representa uma caminhada entre o lar e o trabalho, com os fins de semana dedicados ao namorado. Vive na casa dos pais, e seu salário de Cr\$ 51.000,00 é dividido em médico, roupas, passagens, enxoval, cinema, biscoitos, bala. Tem o 2º Grau completo e tentou três vestibulares para Educação Física, Comunicação e Letras, respectivamente, ficando reprovada em Química e Física. Pretende, ao se casar, morar com os pais.

M.S.P., casada, 57 anos, lavadeira, tem 06 filhos, marido aposentado por acidente de trabalho, mora em favela, e a soma do que ganha na lavagem de roupas com o que o INPS paga ao seu companheiro é o suficiente para comprar comida, composta de carne de segunda alguns dias, pelanca na maioria, feijão e farinha. Os filhos há anos não tomam leite líquido. Esporadicamente, obtém alimentos no Posto de Saúde do bairro vizinho ao seu, entre eles leite em pó e fubá. Anda aproximadamente 15 quilômetros para fazer a entrega das roupas lavadas e passadas. Sentiu que o custo de vida aumentou muito nos últimos meses. Afirma que votou no PMDB com a esperança da situação mudar. Pensa que aquele partido decide o destino do país em Brasília. Seus filhos não frequentam escola e, menores, fazem biscates. Um

deles tem entrada no Juizado de Menores, por vadiagem e suspeita de roubo.

As duas amostras anteriores determinam o grau de alienação e consciência da realidade de dois segmentos extremamente opostos da sociedade. A juventude alienada e a pobreza inconsciente.

Sociólogos, em trabalho de campo em favelas, palafitas, mocambos, perímetros urbanos, prisões, asilos, hospícios e lugares de reclusão (leprosários, colônias-penais...), identificam que a solidão do homem é um fator intrínseco a um sistema de repressão que exclui a emotividade, a sensibilidade, a criatividade e a liberdade interior. Todos os aparelhos-político, hospitalar, social, econômico, recreativo, religioso, moral, educacional — do Estado são repressivos, tornando o homem parte sob controle e manipulado para interesses que beneficiam grupos poderosos e não o povo como um todo.

Um exemplo dessa repressão é a rotulação dos atos mais puros e autênticos do homem, como um gesto de amor à mulher amada ou seu discurso em praça pública contra um ato condenável do Governo. Em ambos, certamente, o Estado o estará vigiando — e punindo de alguma forma sua individualidade.

A tendência, portanto, do homem vítima do Estado que cobra impostos, taxas, juros, e exige-lhe um comportamento padrão, é questionar a logicidade do momento histórico. Estaremos, sempre, presos aos erros do passado — que é o nosso presente — e impotentes para modificar um tempo perdido de uma geração condenada a admitir que assumiu o papel de conivente e cúmplice com as bestialidades de sua época. E toda época é bestial em termos de sua própria ignorância sobre sua missão e seu papel ideológico dentro da História.